

A Propósito da Reedição das Cartas de José Inácio de Andrade

“Só a experiencia faz
conhecer a verdade”

TEREZA SENA*

“Eu apenas tenho coração recto, e alma forte; (...).
Sigo o tom do que escrevo, e só escrevo o que penso,
e o que me agrada; (...)”

José Ignacio de Andrade (XXVII: 75)¹

José Inácio de Andrade, um açoriano nascido em Santa Maria, oficial da marinha mercante e negociante, que viveu entre 1779 e 1863, a pretexto da viagem física que o transportou pelos mares até à Índia e à China, propõe-nos a viagem não só como engrandecimento intelectual, moral e cívico, mas ainda como fundamento para o exercício da crítica e da erudição. Por isso também a escolha do género epistolar. Se bem que esta forma de escrita permitia a *viagem* imediata das ideias, dos sentimentos e do conhecimento, o autor não deixa de lhe atribuir uma função didáctica, moralista, e mesmo filosófica e política, na senda da boa tradição portuguesa dos

*Responsável pelos Serviços de Investigação e Ciência do Centro Científico e Cultural de Macau, em Lisboa. Licenciada em História (F. L. Lx., Universidade Clássica). Mestre em História de Portugal dos Sécs. XIX e XX (F. C. S. H., Universidade Nova de Lisboa).

Director of the Research and Science unit of the Macao Scientific and Cultural Centre (Lisbon). Degree in History (Faculty of Arts, Lisbon, Classical University), 1981. M.A. in History of the Nineteenth and Twentieth Centuries (Faculty of Social Sciences, Universidade Nova de Lisboa), 1988.



José Ignacio de Andrade, *Cartas Escriptas da India e da China*, [3ª ed.], Macau, Livros do Oriente/Imprensa Oficial de Macau, Dezembro de 1998. Coleção Estudos e Documentos, nº 4, 372 p., il.

séculos XVII e XVIII, em que se destacaram Sá de Miranda, Rodrigues Lobo, D. Francisco Manuel de Melo e da própria literatura jesuíta de um António Vieira, ou de António de Gouvea e Gabriel de Magalhães para exemplificarmos no que à China² concerne. Mas também da estrangeira, com Voltaire e Madame de Sévigné a merecerem referência especial, para já não aludirmos (e ficando-nos pela prosa) ao estilo epistolar ficcionado de um Verney, Ribeiro Sanches, Rousseau ou Montesquieu.

Se bem que teoricamente dirigidas à sua primeira mulher, D. Maria Gertrudes de Andrade, a quem endereça a quase totalidade das cem cartas que compõem a obra em apreciação, é visível a ideia (XCI: 324 e 195) de José Inácio de Andrade em torná-las públicas, *legando* assim “grande numero de verdades” (IV: 18), aos filhos dos seus amigos (*Advertencia*: 3).

Redigidas entre 1815 e 1835, as *Cartas* serão dadas à estampa seis anos após a última viagem de Andrade ao Oriente – concluída em 1837 –, e quando

este já praticamente abandonara a sua carreira política³ na Câmara de Lisboa, onde ocupou o cargo de Vereador entre 1834 e 1839 e o de Presidente do Senado de 1837 a 1838. Ainda que tivesse episodicamente voltado à vereação em 1846 durante escassos quatro meses, e não tendo sido eleito em 1847, ano em que concorreu pelo Partido Nacional – fruto dessa estrondosa derrota que então sofreram as forças anti-cabralistas –, Inácio de Andrade acabará por se desligar de vez do exercício do poder municipal.

Originalmente publicadas na cidade de Lisboa, em 1843, com o título de *Cartas Escriptas da India e da China nos Annos de 1815 a 1835 por [...] a sua Mulher D. Maria Gertrudes de Andrade* pela Imprensa Nacional, em cuidada edição composta por dois volumes – “talvez a mais nitida, que tenham apresentado os nossos prelos”, no dizer dos editores⁴ –, foram pela mesma casa reeditadas em 1847 “com importantes correcções” e com a cessão de quaisquer lucros por parte do autor. Sendo as referências aos primores e à elegância da edição bastante frequentes, limitamo-nos, a remeter o leitor para as que Francisco Martins Bastos incluí na “*Epistola*” que surge no final da obra (p. 366), bem como para o elogio que J. M. H. Leal de Gusmão lhe tece na sua *Ode Improvisada*, ao exclamar: “Que elegante edição, que apuro d’ arte”.⁵

Não obstante a 1ª ed. não ser sido posta à venda, mas antes haver sido generosamente distribuída por José Inácio de Andrade entre amigos e interessados até se esgotar, podemos inferir que o livro terá então merecido uma relativa divulgação, já que em 1860 a obra rareava, conforme atesta Inocêncio Francisco da Silva.⁶

Cotejadas estas duas edições, ambas dedicadas por Andrade a Manoel José Machado⁷ – embora a presente edição incompreensivelmente omita a página da dedicatória –, pode dizer-se que as alterações não são substanciais. Incluí, contudo, a de 1847, mais dois textos panegíricos do autor e da obra: uma longa *Epistola*⁸ de José Maria da Costa e Silva e a tal *Ode Improvisada* de J. M. H. Leal de Gusmão, no fim do II tomo, para além da mencionada nota dos editores e da correspondência trocada entre José Inácio de Andrade e o Cardeal Patriarca de Lisboa, Frei Francisco de S. Luiz, a propósito da publicação do livro, aos quais voltaremos a aludir.

Ficaram depois, tanto quanto julgamos saber, estas *Cartas* confinadas ao pó das bibliotecas e à

curiosidade de um ou outro bibliógrafo ou estudioso e de alguns historiadores, que melhor conhecem José Inácio de Andrade pela sua obra anterior, de natureza historiográfica, que citaremos adiante.

Não vislumbramos, portanto, o motivo que leva os actuais editores a indicarem tratar-se da 1ª edição da obra, senão talvez – e partindo do princípio de que não se trata de uma simples gralha –, o de terem querido sublinhar, assim sendo erradamente embora, o facto de terem utilizado a edição original, que, contudo, não seguem fielmente, ao ponto de introduzirem a problemática que passamos a enunciar.

Para além da já aludida omissão da dedicatória, parece-nos grave que tenham sido utilizados textos da edição de 1847 na organização do presente volume, sem que tivessem merecido o cuidado de ser assinalados pelos editores. Assim acontece com a referida correspondência com o Cardeal Patriarca de Lisboa, datada de Maio de 1844, que abre o II tomo⁹ desta edição (pp. 189, 191), a qual diz recuperar a publicada em 1843, sem se vislumbrar também o motivo de tal paginação.

Excluída a hipótese de existência de algum hiato entre a conclusão da impressão e a publicação da obra – ou pelo menos do seu 2º volume –, que, nesse caso, avançaria, pelo menos, para 1844, pela consulta de um exemplar da primeira edição, cuja paginação coincide com a descrita por Inocêncio,¹⁰ chamamos a atenção dos editores para a repercussão de lapsos desta natureza no trabalho de potenciais utilizadores da obra, nomeadamente para fins de natureza académica, onde pequenas questões como esta, mesmo de natureza formal e aparentemente menores, se revestem de alguma importância. Mais, resultam num desperdício de esforços e de tempo, ao suscitarem¹¹ hipóteses erróneas e ao não dispensarem a consulta das edições anteriores, que, como se sabe, não proliferam, aliás uma das razões em que assenta o propósito desta nova edição.

Uma outra desatenção truncou a *Epistola*, datada de Lisboa, 14 de Outubro de 1842, que surge no início do volume, e que na presente edição sai incompleta,¹² sendo-lhe omitido a página final – de acordo com a 1ª ed. –, onde consta a data e a identificação do autor. Trata-se de Francisco Antonio Martins Bastos (1799-1868), que se identifica como *Professor da Lingua Latina no seu Collegio de Nossa Senhora da Conceição*, e a quem José Inácio de Andrade dera a obra para revisão, o

LITERATURA

mesmo autor que assina a referida *Epistola* de 8 de Dezembro de 1843 (pp. 365-368). Será ainda ele quem fará publicar o elogio fúnebre de Andrade, falecido em 2 de Janeiro de 1863, na *A Opinião*,¹³ de 20 de Janeiro desse ano, transcrito por Artur Teodoro de Matos na *Introdução* à presente edição (pp. VI-VII), onde lhe traça uma sucinta biografia.

Apesar do estilo epistolar que, em textos curtos, permite abordar uma grande variedade de assuntos, o autor das *Cartas* nem sempre alcançou a leveza de escrita que pretendia inculcar à sua “conversação por escrito” (IV: 18-19), já que nela pesam as marcas da retórica, da erudição, da crítica e da racionalidade iluministas, já um tanto serôdias para a época da publicação, não obstante alguns laivos de pré-romantismo que nela se descortinam.

Andrade é um português manifesto da era de oitocentos – burguês empreendedor, crítico do oportunismo que via grassar à sua volta; anti-jesuíta; admirador de Pombal; anti-absolutista e anti-cabralista; profundamente anti-anglófono – e, sobretudo, um dos raros cultores da escrita burguesa nacional que à China se dedica.

É, a este propósito, de assinalar a preocupação do presente editor em *arejar* a obra, patente, tanto na paginação como no corpo utilizado ao longo de um único e cuidado volume, que é agora reeditado. Merecia este, contudo, uma maior preocupação ao nível da gestão dos seus vastos conteúdos e da própria iconografia. Dada a riqueza informativa nela contida, teria sido desejável a inclusão de um índice remissivo, não se compreendendo também o motivo pelo qual os textos extrínsecos às cartas nela incluídos – embora se encontrem em páginas numeradas –, não figuram uniformemente¹⁴ no índice, não correspondendo este, por isso, nem ao índice original, nem a um índice geral do livro.¹⁵

A amenizar o volume temos ainda a excelente reprodução das doze litografias, à época da publicação inovadoras, que também foram incluídas em qualquer das edições anteriores. Na primeira foram executadas por Maurício José Sendim (1786-1870), ilustrador activo entre 1820 e 1850, e, na segunda, por Dias da Costa, provavelmente ligado à Imprensa Nacional.

Mostram-nos elas os rostos dos personagens mencionados por Andrade, como sejam imperadores e filósofos da China; amigos do autor – portugueses e chineses – e, claro está, o dele mesmo e o da esposa. Estas últimas estampas são reproduções de retratos saídos do traço do famoso Domingos António de Sequeira (1768-1837),¹⁶ e foram atractivamente utilizadas como capa e contracapa do presente volume.

Um certo academismo tardio caracterizaria o círculo das relações culturais de Andrade, dando sentido ao que estimava na amizade, e cuja escassez lastimava perante Domingos António de Sequeira: “(...) são raras hoje as amizades, em que possam ter comunicação as bellas artes, e a litteratura, que tanto alimentam no decurso dos annos, longe dos combates da ambição, da inveja, e mesmo das opiniões” (XCVIII: 350).

Círculo esse de alguma forma polarizado em torno da figura do conhecido pintor, que é por Andrade assim descrito: “(...) o nosso immortal SEQUEIRA é grande nos pensamentos, no engenho, na riqueza das invenções, na correcção do desenho, nas attitudes, na expressão, na elegancia dos contornos, e na intelligencia do claro-escuro” (XCI: 323). De Macau e de Lisboa para Roma – onde, à época, Sequeira já estava radicado – endereça-lhe algumas das cartas (XCV, XCVIII e C: 337-338; 349-351 e 356-364) que compõem o presente volume, sendo ainda frequentes as referências que lhe vai fazendo ao longo da obra, onde faz incluir o retrato do artista. José Inácio de Andrade nela transcreve ainda os sonetos em que Rodrigo Ferreira da Costa (1776-1825) se descreve (XCIX: 355) a partir do retrato – igualmente reproduzido no livro –, que lhe fizera, o também seu amigo, Sequeira e aquele (XCI: 325) que o poeta satírico Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral (1744-1830), um venerável jurisconsulto, dedicou ao mesmo Domingos António de Sequeira “quando desenhou, e fez construir em tudo por officias

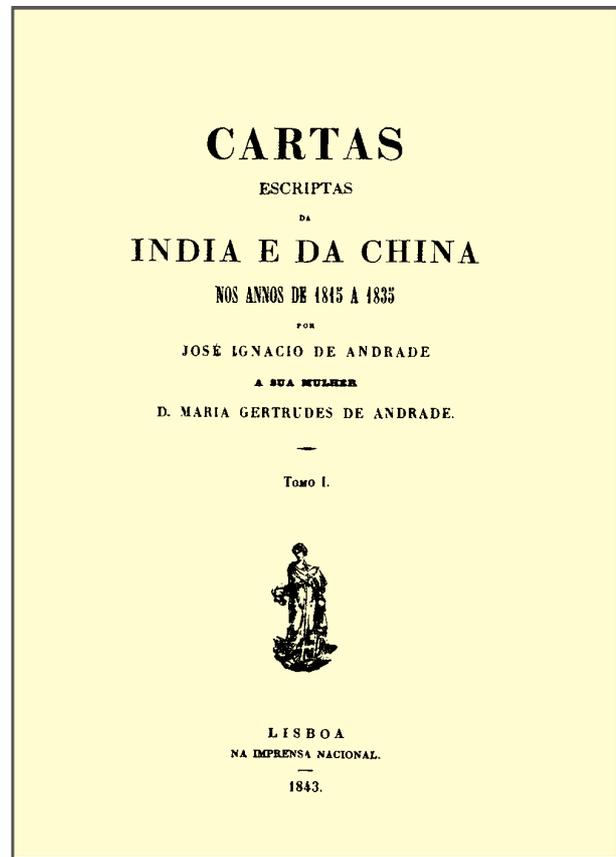
portuguezes, o triunfo, e baixella offerecida ao general Wellington, por determinação de Sua Magestade Fidelissima” (XCIX: 325).

Rodrigo Ferreira da Costa foi um destacado matemático, esteta, gramático e musicólogo, e o mestre de Andrade. Este escreveu e fez-lhe editar a biografia, completando-a com um catálogo¹⁷ das suas obras e traduções. A publicação – mais uma vez destinada a ser distribuída por entre os amigos do autor –, intitulada *Biographia de Rodrigo Ferreira da Costa*, saiu em Lisboa no ano de 1835, dez anos após a morte do biografado,¹⁸ sendo notórios o respeito e a admiração que Andrade por ele nutria nas constantes e frequentes referências que também lhe vai fazendo ao longo da obra em apreciação.

São, pois, as *Cartas* não só um testemunho de uma vivência e de uma época, como mesmo um trabalho com algum mérito no domínio historiográfico e da sinologia, em boa hora recuperadas pela editora Livros do Oriente e pela Imprensa Oficial de Macau para a memória desta cidade. Mas também para a compreensão da construção da imagem do Oriente, e da China em particular, no imaginário ocidental de oitocentos, realçando-se, neste caso, a contribuição da vivência e da experiência empírica, o que constitui um dos aspectos mais interessantes deste livro.

Oxalá venha ela a ter, desta vez, a divulgação que merece, mais de 150 anos passados sobre a sua 1ª edição, num país em que – ao contrário do que é prática corrente nos de expressão anglo-saxónica, e mesmo tendo em consideração os processos históricos e as circunstâncias conjunturais que os diferenciam –, não abunda o interesse pela literatura de viagens da época contemporânea, embora dispunhamos de alguns cultores do género, que os editores¹⁹ de Andrade classificavam de *novo*. Permanecem eles ainda insuficientemente explorados, secundarizados que estão, quanto a nós, pela enorme riqueza dos textos quinhentistas e seiscentistas.

O recente interesse despertado pela figura de Andrade e pelas suas *Cartas* junto de uma autora com a envergadura de Agustina Bessa-Luís, que profusamente os utiliza num dos seus mais recentes romances, *A Quinta Essência*,²⁰ publicado em 1999, de certo que contribuirá para tornar mais conhecido²¹ o nome deste autor, pese embora a inexistência de um estudo monográfico, de carácter histórico, sobre



Frontispício da primeira edição das “Cartas” de J. Ignacio de Andrade.

esta figura, lacuna que já há algum tempo²² nos propusemos colmatar.

Voltando às *Cartas*. Nelas não nos fornece José Inácio de Andrade, apenas o relato do viajante/explorador onde é patente o frequente fascínio produzido pelo diferente, de par com o natural confronto provocado pela percepção da alteridade. Atendendo à profundidade com que desenvolve certos temas, estaremos antes, como bem sublinha Artur Teodoro de Matos (p. XIV), perante “um misto de obra de aprendizagem das civilizações asiáticas e de literatura de viagens.” Mas, acima de tudo, Andrade é motivado pela indesmentível admiração que nutre pela China, dedicando-lhe a maior parte do livro – e a que também limitaremos esta apreciação –, deixando de lado toda a interessante descrição do viajante, do observador e do estudioso que lhe mereceram a Índia e outros locais por onde passou e cujas realidades testemunhou.

O autor admite mesmo ser “o objecto principal

LITERATURA

das minhas indagações, demonstrar o que os chineses têm feito a bem da especie humana” (XXXIX: 114), não obstante reconhecer a complexidade da matéria quando afirma: “Julgo ser mais facil a um chinês, fazer uma tal indagação na Europa em tres annos, do que a um europeu faze-lo na China, em trinta (...)” (XXXVIII: 111). Se bem que exalte a virtude, a piedade, a justiça, a administração, a urbanidade, e tantos outros aspectos da civilização, da cultura e da vivência quotidiana chinesas, sintetizando a história e desenhando o perfil psicológico do seu povo, cuja laboriosidade, sabedoria e postura filosófico-moral profundamente o fascinavam, não deixa de apontar alguns dos seus elementos negativos. Embora seja patente um esforço de também a esses aspectos interpretar e justificar, é igualmente certo que critica os escritos idealizados da China, *topos*²³ literário tão em voga na sua época. É mesmo clara a demarcação que estabelece, ao longo de toda a obra, entre aqueles que, como ele, conheceram a China real e a compreenderam, porque para isso estavam predispostos – e aí situa os autores portugueses de quinhentos e seiscentos como Gaspar da Cruz, Fernão Mendes Pinto, Tomé Pires, Galeote Pereira, Gabriel de Magalhães, Álvaro Semedo – e os outros, aqueles que a idealizaram como Voltaire e Hobbes, ou a denegriam. De entre estes últimos, e embora lhes diferencie as motivações, menciona sobretudo Montesquieu e os escritores ingleses seus contemporâneos – eivados, no dizer de Andrade, de uma total arrogância humana e intelectual –, referindo-se especialmente a George Thomas Staunton, Henry Ellis e a John Francis Davis, seus contemporâneos na China (C: 356).

Debrucemo-nos um pouco sobre estes autores britânicos. George Thomas Staunton (1781-1859) era intérprete local da Companhia Inglesa das Índias Orientais, e integrou as comitivas das embaixadas de Lord Macartney e de Lord Amherst à China em 1793 e em 1816. Henry Ellis (1777-1869), sobrecarga da referida Companhia na China, foi também destacado para acompanhar, como secretário, a embaixada de Lord Amherst a Pequim e John Francis Davis (1795-1890), alto funcionário da mesma C^a, tornou-se mais tarde no 2º governador (1844-1848) de Hong Kong, sendo curioso referir aqui que compôs um poemeto em honra de Camões intitulado *In Cavernam, ubi Camoens, fertur Carmen*

egregium composuisse,²⁴ um dos muitos que se encontram gravados, em placa de granito, junto à célebre Gruta de Camões em Macau.

Todos eles dominavam o idioma chinês, correspondendo assim à necessidade sentida pelos britânicos desde o início da sua presença na China de possuírem os seus próprios intérpretes para o contacto com os chineses, os quais, por seu turno, e de acordo com inúmeros testemunhos, tentavam obstar à aprendizagem da sua língua por parte dos ocidentais. Deixaram-nos relatos das actividades político-diplomáticas e comerciais em que participaram e/ou protagonizaram, bem como memórias e descrições da China e respectiva cultura.

Naturalmente que as objecções de Andrade relativamente a estes autores ultrapassam a esfera meramente cultural, tanto mais que, pelo menos aparentemente, possuiriam uma melhor preparação para um mais real aprendizado da China.

Atendendo ao envolvimento de José Inácio de Andrade no comércio de Macau, à sua proximidade de interesses e às relações que mantinha com os negociantes locais, é de admitir que com eles não deixasse de partilhar os sentimentos que neles provocava a concorrência dessa realidade de então que era o pujante comércio internacional²⁵ na China, no qual era clara a hegemonia inglesa. A aduzir a este facto relembrem-se os antagonismos de natureza política consubstanciados nas tentativas britânicas de ocupação de Macau em 1802 e 1808, os conflitos por eles protagonizados na China e na Índia, para já não mencionar o forte sentimento anti-anglófono então vigente em Portugal por força do domínio de Beresford, assuntos do conhecimento geral e que não cabe aqui desenvolver.

TONALIDADES E FUNÇÕES DA ESCRITA

Pese embora um certo pendor para a apologia do empirismo, do materialismo mecanicista, e do laicismo, o que Inocêncio, não deixa de sublinhar com uma pontinha de velada crítica,²⁶ José Inácio de Andrade também soube ser uma homem da sua época, como veremos.

A este propósito não resistimos a aqui transcrever parte da refutação de Andrade à teoria do *Bom Selvagem* de Rousseau:

“Os selvagens são crueis, e sanguinarios: que vês,

tu, no espectáculo da natureza? Grande numero de entes destinados a devorar-se. (...)

“O homem selvagem tem sempre as mãos tintas em sangue; habituado a matar, é surdo á voz da piedade. (...)

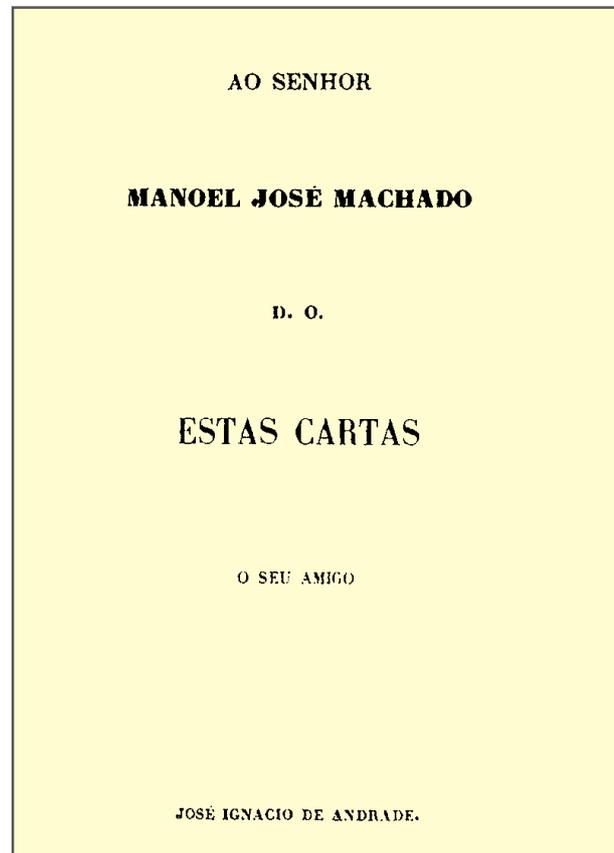
“Os insulanos do mar do sul, contrariam a bondade original, decantada por J. J. Rousseau. (...)

“Quando, em 1805, descobri no mar pacifico a ilha a que dei o teu nome, fui visitado por seus habitantes. Vieram a bordo, em canôas de doze pés de comprimento, e tres de largura. Traziam a cintura cingida com folhas de bananeira. Um mostrou a desventura em que viviam, tomando um pequeno peixe, que nadava no fundo da canôa, escamando-o com os dentes, e devorando-o! Ainda a mover-se-lhe nos beiços, vertia-lhe o sangue pela barba! Se o autor do Émile alli se achasse, muito se arrependeria de ter elogiado a vida selvagem. A nudez, fome, e gesto feroz d’ aquelles infelizes, demonstram quão triste é a sua existencia. (...)

“Ora, sabendo tu, que o nosso RODRIGO,²⁷ achava semelhança entre as minhas cartas, e as de Rousseau, estranharás ver-me refutar a doutrina d’ aquelle célebre escriptor. Só a experiencia faz conhecer a verdade: e Rousseau, n’ este caso, fundou-se em theorias.” (XXVII: 74-75).²⁸

Será precisamente essa postura que permitirá a Andrade uma observação atenta e até certo ponto crítica da China – e também da realidade de Macau – mostrando uma notável capacidade de descentração e de abertura ao Outro, desde que ente civilizado e racional, note-se. É a este respeito de sublinhar a possibilidade de expressão que dá à perspectiva chinesa, na qual se fundamenta a expulsão dos missionários católicos da China e a rejeição das atitudes dos enviados do Papa, no decurso da célebre *Questão dos Ritos*, mesmo que tal atitude decorra do seu profundo anti-jesuítismo. Citamos apenas uma frase que Andrade, ao reproduzir o diálogo entre o imperador (1723-1735) *Yung-Cheng* e os jesuítas de Pequim, atribuí ao mesmo imperador: “(...) Que direis se eu, com o designio do vosso chefe, mandasse á Europa um exercito de bonzos?” (XXXVI: 105).²⁹

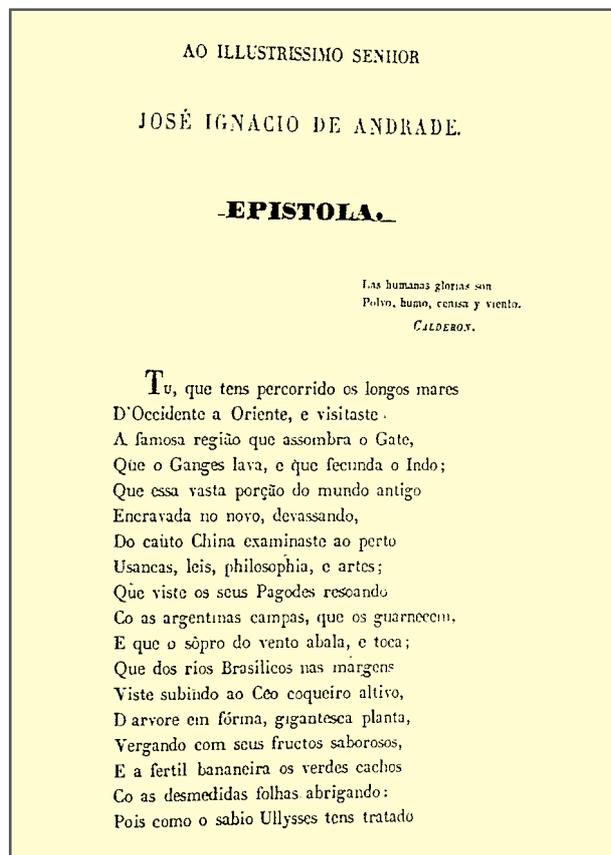
Mas Andrade é também um português manifesto da era de oitocentos – burguês empreendedor, crítico do oportunismo que via grassar à sua volta; anti-jesuíta; admirador de Pombal; anti-absolutista e anti-cabralista; profundamente anti-anglófono – e, sobretudo, um dos



Página da dedicatória da segunda edição. Lisboa, Imprensa Nacional, 1847.

raros cultores da escrita burguesa nacional que à China se dedica. Por tudo isto se faz merecedor da nossa atenção, tanto mais que falamos de textos profundamente documentados, alguns mesmo de natureza historiográfica, onde houve uma certa preocupação de recurso às fontes – chinesas incluídas –, e de confronto das mesmas com o depoimento dos chineses com quem conviveu, para além do cotejo com textos antigos sobre a matéria e, mesmo, de uma reflexão crítica sobre as filosofias propagandeadas no Ocidente sobre a China. Tal postura não impede, no entanto, que também dela se não utilize para criticar e intervir na sua própria sociedade e no seu tempo. Está bem implícito no comentário que tece à valorização dada na China ao espírito empreendedor, à afirmação e à ascensão social, possibilitadas pelo trabalho e pelo esforço individual, a alusão à sua experiência pessoal, dizendo-nos a este respeito: “Em nenhum outro paiz recebe o merito a sancção legitima das suas obras, como na China; e em nenhum outro vale tão pouco a condição do nascimento. Os homens, que sabem

LITERATURA



aproveitar as circunstancias, para guindar acima da sua condição, têm algum merito; e o que da pobreza abre caminho, para chegar ao cumulo da grandeza humana, tem de certo, merito superior.(...)” (XLVIII:155).

Não nos alongaremos sobre as características e a vastidão de conteúdos da obra e sobre o autor, talvez aquele que, não sendo eclesiástico, nos legou os textos de conjunto mais informados sobre a China, deixando ao leitor a rigorosa *Introdução* de Artur Teodoro de Matos para o guiar na leitura destas Cartas, e para os informes sobre a vida e a personalidade de Andrade.

Também não partilharemos convosco o sabor e as *tonalidades* da escrita, de José Inácio de Andrade que, para além da descrição e da informação, nos proporciona momentos de sensibilidade realista. De entre estes destacaremos apenas a pictórica descrição da viagem até Cantão – em que demorou 60 horas! –, saídas da pena de quem, depois de ter visto o mundo, “tornou á patria com diversas idéas na cabeça, e alguns

sentimentos de mais no coração” (*Advertencia*: 3).

Vejamos então:

“(…) Os chinezes reprezam as aguas do rio, com leves comportas; e passam-nas de uns a outros talhões, formados por comoros, onde plantam arvores alinhadas, ricas em fructos, e bellas em folhagem. De cima dos comoros, ou das embarcações em maré cheia, avistam-se lindos paineis. Aqui talhões, onde forçosos bufalos pucham grandes, e bem construidas charruas; alli outros cobertos de agua, para germinar a sementeira; áquem outros tapizados de verdura, pelo arroz brotando da terra; além grande numero d’ elles cheios de ceifões, e de arroz em paveias; outros d’ onde já o haviam tirado, cheios de patos, a fim de se nutrirem respigando. Seja pela vista de esmerada cultura, seja pela agitação de povo immenso, que fertiliza os campos, a alma dilata-se, gozando de tão sublime espectáculo.” (XXXVIII: 111-112).

Prosa digna de um quadro como os que só a arte, a minúcia e a paciência chinesas nos legaram.

A EDUCAÇÃO DA MULHER

Deixemo-nos seguir por outros caminhos e debrucemo-nos sobre o diálogo – mesmo que não totalmente privado, como vimos – que estabelece com a mulher, senhora ao que se supõe educada e instruída de forma pouco vulgar, já que teve um pai que nisso se empenhara, contrariando a regra geral, que Andrade critica nos seguintes termos:

“(…) Parece que os homens, de proposito, querem formar as mulheres na frivolidade, e na inconstancia; isto é, que hajam toda a vida a razão da infancia, esquecendo-se, de que ellas são destinadas a contribuir, para a sua ventura”, para depois nos esclarecer relativamente à esposa: “Superior glorificação mereceu teu pae, por se affastar d’ esse máo costume.” (LXVIII: 260)³⁰

Maria Gertrudes de Andrade, que segundo o marido possuía “os attributos moraes dos dois sexos” (LXVIII: 262), se bem que estivesse à altura de receber todas as informações que o marido lhe enviava, não deixa, contudo, de necessitar de ser *guiada* no seu percurso intelectual e cognitivo – como já o fora pelo pai, sublinhe-se –, sendo frequentes as vezes em que Andrade lhe fornece não só elementos e pistas para reflexão como a própria síntese. Essa função pedagógica das cartas, ainda que elas se destinassem

a um público mais vasto, como referimos, é também sublinhada por Pedro d' Oliveira e Figueiredo no poema que, de Macau em 1832,³¹ assina a abrir o II tomo (p. 195):

“Li com extremo prazer/ Tuas dignas produções,/

N' ellas dás sabias lições/ A quem deseja aprender.(...)”³²

As ideias de Andrade sobre o assunto clarificam-se contudo quando concluí a interessante carta a que deu o título “*Juizo sobre a educação*”, e que temos vindo a citar, opinando:

“O certo é, que as letras, e as artes reproduzem-se, e modificam-se, na razão do estado intellectual das mulheres. Se os homens fossem justos, como são fortes, aproveitariam o espirito do bello sexo, por boa educação. D' esse modo, teríamos lá no occidente mulheres illustradas, como Pan-Hoei-Pa.³³ A baroneza de Stael, foi dotada de engenho, e arte: comtudo, seria inutil se não aproveitasse esses dons, por boa educação.”

Para rematar, de seguida:

“Triste condição é a das mulheres! Só os amantes da verdade, e da justiça ousam defende-las. Sendo poucos, não podem vencer a tenacidade dos muitos, que as deprimem. Comtudo, vingam-se d'essa barbara maioria, vendo-a humilhada pelo sentimento, que impera sobre a força, e sobre as luzes.” (LXVIII: 262).

Naturalmente também frisando a superioridade da China neste campo:

“Que te direi da educação das mulheres? Até na Grecia, paiz da[s] luzes, foi desprezada a sua educação! Na India, assim que entram na adolescencia, são mettidas em harens, e dominadas por tyrannos de nova especie; isto é, por monstros, que não pertencem a nenhum sexo. Na China, por moda, aleijam as mulheres ao nascerem! Todavia, cultivam-lhe o espirito: repara no vôo, que tomou o genio da celebre Pan-Hoei-Pan, e verás, que o teu sexo brilha em qualquer parte, onde se cuida na educação das mulheres. (...)

“Na China é tão grande o numero de mulheres illustradas, e uteis em todos os sentidos, quanto na Europa é diminuto.” (LXVIII: 258 e 260).

José Inácio de Andrade, para além de se mostrar partidário da educação da Mulher – a ser por ela usada com moderação, no entanto –, chega a defender a igualdade dos sexos, “ao menos em regras de direito”

(LIV: 212). Por isso talvez tenha assumido publicamente, com a atitude de endereçar este tipo de cartas à sua esposa – quando elas se destinavam claramente à divulgação –, essa *defesa* da Mulher, cuja principal missão social não deixava embora, também quanto a ele, de se circunscrever à esfera conjugal e familiar (LXVIII: 260-262).

Se tivéssemos dúvidas quanto à mencionada intenção igualitarista do autor, bastava-nos a leitura da mencionada “Ode/ Improvisada na Presença/ da/ Excellentissima Senhora/ D. Maria de Noronha/ Lendo/ Miss Mary/ as/ Cartas da India e da China/ do/ Illustrissimo Senhor/ José Ignacio de Andrade./”³⁴ de J. M. H. Leal de Gusmão, para vermos o eco dessa atitude, naturalmente que não exclusiva de Andrade.

Finalizemos então esta temática com a enumeração dos *limites desejáveis* à educação da mulher, expressos por Pan-Hoei-Pan, e consideradas por Andrade de acordo com “as lições, que te deu teu pae”, o que o faz referir que Maria Gertrudes de Andrade nada tivesse “que aprender nas obras da famosa Pan-Hoei-Pan” (LXVIII: 259-260).

Tal atitude aponta para uma consonância de princípios sobre esta e outras matérias, sendo que as qualidades de uma “mulher amavel”, segundo Pan-Hoei-Pan seriam as “virtudes, palavras, figura e acções”, afirmando a este respeito a autora chinesa: “(...) Se tem instrucção, não ostente de erudita; a mulher jámais agrada, quando cita com frequencia os poetas, e os filosofos; mas goza estimação, sabendo esconder os conhecimentos, pelo uso de propositos ordinarios. Quando fallar das sciencias, e das letras, seja concisa, mesmo para os que desejam ouvi-la.” (LXVIII: 259).

HISTORIOGRAFIA

Aludamos agora aos aspectos historiográficos da obra de Andrade, chamando especialmente à atenção para as cartas (XXX a XXXIII: 80-95) nas quais nos apresenta uma documentada síntese da História de Macau, como já sublinhámos, retomando embora algumas páginas anteriormente publicadas nas suas *Memorias*. Referimo-nos aos textos historiográficos da sua autoria, respeitantes às acções levadas a cabo por Macau, em aliança com os chineses, na luta contra os *piratas* e contra as invectivas inglesas sobre o Território.

LITERATURA

Nelas José Inácio de Andrade assume, tal como nas *Cartas*, uma postura notória e claramente favorável ao *partido macaense*, em que se chega a descortinar laivos de discurso autonómico; a condenação genérica da acção dos capitães-gerais e governadores – em que assume particular relevância a polémica que desenvolveu com o governador (1808-1810) Lucas José de Alvarenga (1768-1831) – e a radical oposição às ideias e determinações centralizadoras do ministro Martinho de Melo e Castro, expedidas em 1783, restritivas dos poderes do Senado, que haviam gerado tensões locais, à época da sua permanência em Macau ainda bem vivas, e que como tal permanecerão por longo tempo.³⁵

Publicada em 1824,³⁶ a *Memoria sobre a destruição dos piratas da China de que era chefe o celebre Cam-Pau-Sai; e o desembarque dos ingleses na cidade de Macao, e sua retirada*,³⁷ foi, depois de reformulada e aumentada, de novo editada em Lisboa, pela Typographia Lisbonense, com o título de *Memoria dos feitos macaenses contra os piratas da China; e da entrada violenta dos ingleses na cidade de Macao, [...]*, no ano de 1835.

Refere-se ela à polémica questão dos combates aos *piratas* nos inícios do Século XIX, a qual necessita de ser relativizada e inserida tanto na conjuntura local, como na internacional e, mais importante do que isso, no contexto dos interesses, estratégias e poderes em presença – e respectivas conflitualidades –, recomendando-se para o efeito a leitura do artigo de Vítor Luís Gaspar Rodrigues, “A acção ‘concertada’ das autoridades de Macau, China e Goa na luta contra os ‘piratas’ dos Mares do Sul da China em finais do século XVIII, princípios do século XIX”,³⁸ deixando de lado defender e de *honrar*⁴⁰ Macau. **RC**

a exploração deste assunto que, necessariamente, nos desviaria dos propósitos deste texto.

Para finalizar, e no que respeita às *Cartas Escriptas da India e da China*, é clarividente a compreensão que José Inácio de Andrade demonstra ter do estatuto de Macau, sobre o qual chega mesmo a afirmar:

“Em outro tempo, julgava eu ser este pequeno isthmo propriedade lusitana; hoje, estou persuadido do contrario. O poder executivo do miserando Portugal, está sem duvida no mesmo engano.(...)”.

Fundamenta depois a afirmação transcrevendo as famosas cinco restrições impostas a Macau pelo decreto do imperador (1573-1619) Wan Li, lavradas em pedra em 1614 e colocadas à porta do Senado da Câmara, onde ele mesmo as pudera observar – bem destacadas nas badanas da capa na presente edição –, a fim de concluir:

“Assim como o governo chinês é singular, assim deve ser o governo d’ esta cidade, em tudo dependente da China.” (XXX: 88-89).

Sobre a importância deste depoimento de Andrade para a contradição de um dos argumentos em que assenta a tese da cessão imperial de Macau, em profundo conflito com a adesão do estabelecimento a esse “tratado de pedra”, ou melhor “código de conduta”, por que se regeu o relacionamento luso-chinês na cidade, sua simbolística, e veja-se o inovador artigo de António Vasconcelos de Saldanha³⁹ intitulado *Autoridade Imperial e Simbolística da sua Contradição. A Propósito dos Códigos de Wanli e de Qianlong em Macau*.

Percepção empírica, pragmatismo, ou saber de experiência feito, eis o testemunho de um português de oitocentos que viveu, compreendeu, admirou e tentou conhecer a China, sem, contudo, deixar de

NOTAS

- 1 Por economia e facilidade expositiva, todas as citações ou referências às cartas de José Inácio de Andrade surgem no texto entre parênteses, sendo que a numeração romana indica a carta e a árabe a página ou páginas, conforme a presente edição.
- 2 As *Cartas Anuas* dos jesuítas sobre a China e o Japão começam a tornar-se acessíveis a um público mais vasto, sendo neste contexto de referir as relativamente recentes edições das *Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus escreverão dos Reynos de Iapão e China aos da mesma Companhia da Índia, e Europa, des do o anno de 1549 até ao de 1580* (ed. em fac-símile, da edição de Évora, 1598), 2 vols., apr. José Manuel Garcia, Maia, Castoliva Editora, 1997; António de Gouveia, S.J., *Cartas Anuas da China*, ed., intr. e notas de Horácio Araújo, Macau/Lx., Instituto Português do

Oriente/Biblioteca Nacional, 1998 e *Cartas Anuas do Colégio de Macau (1594-1627)*, dir. e intr. de João Paulo Oliveira e Costa, trans. pal. de Ana Fernandes Pinto, Macau, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses/Fundação Macau, 1999.

- 3 José Inácio de Andrade serviu durante seis mandatos na vereação da Câmara de Lisboa. Assumiu interinamente a presidência entre 2 de Março de 1837 e 1 de Janeiro de 1838, data em que saíu Presidente, tendo-se mantido no cargo até ao fim desse ano, conforme atestam as fontes municipais, disponibilizadas por Paulo Jorge Fernandes no estudo, *As Faces de Proteu. Elites Urbanas e o Poder Municipal em Lisboa de Finais do Século XVIII a 1851*, Lx., Câmara Municipal de Lisboa, 1999, pp. 236-241, 243, 262, 265, 267, já publicado depois desta reedição da obra de Andrade. Assim, devem ser corrigidas as anteriores informações a este respeito constantes nas biografias disponíveis sobre o autor, as quais

LITERATURE

- naturalmente também foram utilizadas por Artur Teodoro de Matos na sua "Introdução" à presente edição.
- 4 Da mencionada 2ª ed. Vd. Apêndice I. Cf. ainda com a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (adiante G. E. P. B.), II, Lx./Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Lta, s.d., p. 540.
 - 5 2ª ed., cf. cit.. Vd. Apêndice II.
 - 6 *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de [...] applicaveis a Portugal e ao Brasil*, t. IV, Lx., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1860, p. 371.
 - 7 Vd. fac-símile da dedicatória na página 141.
Cremos tratar-se de Manuel José Machado, empregado no Terreiro Público, que integrou por três vezes a vereação da Câmara de Lisboa, entre 1833 e 1835, partilhando dois desses mandatos com Andrade. Vd. Paulo Jorge Fernandes, cf. cit., pp. 239 e ss., 263-267.
 - 8 Vd. Apêndice III.
 - 9 Na 2ª edição, onde são incluídas pela primeira vez, surgem logicamente no início da obra.
 - 10 Que nos fornece o confronto das duas primeiras edições: "(...) Posteriormente, (...) se fez na mesma imprensa segunda edição, que em nada cede á primeira no tocante á execução typographica, e lhe sobreleva em correcção e additamentos da penna do próprio auctor. Compreendem os dous tomos XXIV-276 pag., e X-269 pag., tendo o segundo no fim mais 22 pag. innumeradas, que são preenchidas com índice, e algumas poesias encomiasticas da obra. Esta edição é também como a primeira, adornada de doze retratos lithographados, (...)". Cf. cit. Sublinhados nossos.
 - 11 Tanto mais que o processo de impressão terá sido difícil ao que se infere destes versos de Martins Bastos na sua *Epistola* datada de 8 de Dezembro de 1843 (p. 366): "(...) Do patrio amor levado, não quizeste, / Que objecto algum estranho se mostrasse / Em tão rica edição, qual apresentas. / Soffres delongas, paciente esperas. / Que em portugueza fabrica o velino / Papel se faça, pela vez primeira. / Na perfeição co' a mira, nada poupas, / Quando do ninho teu o nome exalças." Sublinhados nossos.
 - 12 Não obstante Artur Teodoro de Matos, na mencionada *Introdução*, citar (p. X) alguns dos versos omitidos, embora em versão que não se coaduna integralmente com a apresentada na 2ª ed. Por esse motivo também transcrevemos aqui todo o poema, tal como ele surge na edição de 1847. Vd. Apêndice IV.
 - 13 Lx., (1807).
 - 14 Cf., a este respeito, as pp. 3, 5-7, 9, 189, 191 e 193-195 da presente edição com o respectivo índice e o diferente critério utilizado para as pp. 365-368, para já não falar no próprio índice e textos respeitantes à mesma edição.
 - 15 Assim, para além dos que vão citados nesta recensão pode ainda o leitor encontrar os seguintes textos neste volume: "*Nota do Revisor*" (p. XV) e a "*Ode*" dedicada a José Inácio de Andrade por um tal Pimentel (pp. 193-194).
 - 16 Para além da sua conhecida obra como pintor e desenhador, Domingos António de Sequeira é também considerado um dos introdutores da litografia em Portugal, no que terá iniciado o referido Maurício Sendim.
 - 17 A produção bibliográfica de Rodrigo Ferreira da Costa é também incluída por Andrade nas suas *Cartas* (XCIX: 354-355).
 - 18 Vd. Inocêncio Francisco da Silva, IV, cf. cit., p. 371 e VII, pp. 169-171.
 - 19 Da 2ª ed. Vd. Apêndice I.
 - 20 3ª ed., Lx., Guimarães Editores, 1999.
 - 21 Vd. também a recensão de Alfredo Dias, "As Cartas de José Ignacio de Andrade", in *Macau*, IIIª S., Macau, (1), Junho 2000, pp. 78-88, publicada já depois de redigido este texto.
 - 22 Preparamos um estudo monográfico sobre José Inácio de Andrade, a que demos o título (provisório) de *Um Português no Comércio da China nos Inícios do Século XIX*.
 - 23 Para uma breve introdução ao assunto, remete-se o leitor para o nosso artigo "*O Fim da Viagem Será o Fim da Utopia?*", in *Encontro Português – Língua de Cultura*. Actas, Macau, Instituto Português do Oriente, 1995, pp. 319-323, especialmente.
 - 24 Manuel Teixeira no artigo "Camões in Macau", inserto no *Boletim do Instituto Luís de Camões*, Macau, XIV, (1-4), Primavera-Inverno de 1980, p. 47, reproduz a tradução inglesa do mesmo, feita em 1839, pelo Rev. Fitch Taylor, capelão da fragata norte-americana *Columbia*, substancialmente diferente da efectuada, de forma livre, por Montalto de Jesus no seu *Historic Macao*, 2ª ed. (reimp.), Hong Kong, Oxford University Press, 1984, p. 284, o que naturalmente se reflecte na versão portuguesa da mesma obra (cf. *Macau Histórico*, Macau, Livros do Oriente, 1990, p. 197). Para mais detalhe, consulte-se, ainda de Manuel Teixeira, o estudo, publicado em 1977, intitulado *A Gruta de Camões em Macau*, que aqui citamos a partir da 2ª ed., Macau, Fundação Macau/Instituto Internacional de Macau, 1999, pp. 84-98.
 - 25 Vd., de entre os nossos textos sobre a temática: "Macau e o Comércio Internacional: De Metrópole do Equilíbrio à Diáspora", in *Os Fundamentos da Amizade. Cinco Séculos de Relações Culturais e Artísticas Luso-Chinesas*, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 1999, pp. 126-137; "A Questão da Entrada de Estrangeiros em Macau no Século XVIII. II – Macau, uma Metrópole do Equilíbrio?", comunicação ao *Simpósio Macau Metrópole*, Macau, Setembro 1998, cuja versão inglesa se encontra no prelo e, para uma visão mais sucinta, a entrada "Relações de Macau com Cantão no Contexto do Comércio Internacional (séculos XVIII e XIX)", in *Dicionário de História de Macau*, Macau, Universidade de Macau. No prelo.
 - 26 "(...) Alguns mais escrupulosos divisam nas idéias do auctor certa tendencia mais ou menos pronunciada para o materialismo, e nas suas doutrinas philosophicas um reflexo da escola sensualista do seculo decimo-oitavo, de cujos mestres parece mostrar-se ás vezes adepto fervoroso e entusiastico." Cf. cit., IV, p. 371.
 - 27 O já referido Rodrigo Ferreira da Costa.
 - 28 Sublinhado nosso.
 - 29 Vd., ainda, pp. 106-107 e a Carta XCVI: 339-342.
 - 30 Vd., também a p. 259 e a "*Epistola*", a p. 6, na qual Maria Gertrudes de Andrade é qualificada de *douta esposa* por Martins Bastos. Vd. Apêndice IV.
 - 31 Donde se conclui que o autor já lhe dera a ler os textos bem antes de serem impressos.
 - 32 Sublinhado nosso.
 - 33 Vd. Carta LXVIII: 258-262.
 - 34 Inclusa no final do II Tomo da edição de 1847, cf. cit.. Vd. Apêndice II.
 - 35 Para a inserção da questão numa perspectiva mais lata consultem-se os trabalhos de António Vasconcelos de Saldanha, "A Luta Pela Legitimidade: A 'Memória' do Visconde de Santarém no Contexto de Três Séculos de Argumentação Histórica e Jurídica em Favor da Soberania Portuguesa em Macau", in *Estudos Sobre as Relações Luso-Chinesas*, Lx., Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas/Instituto Cultural de Macau, 1996, pp. 407-462 e A. M. Martins do Vale, *Os Portugueses em Macau (1750-1800). Degredados, ignorantes e ambiciosos ou fiéis vassallos d' El'Rei?*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1997, pp. 59-67.
 - 36 Se bem que o texto tivesse saído sob anonimato, já em 1817 José Inácio de Andrade escrevera outra *Memoria* sobre o assunto no *Jornal de Bellas-artes, ou Mnesimos Lusitana. Redacção patriotica*, Lx., t. II, (4), 1817, conforme nos esclarece Inocêncio Francisco da Silva, cf. cit., IV, p. 370 e VI, p. 382.
 - 37 Lx., Imprensa Régia.

- 38 Incluso na colectânea *Estudos de História do Relacionamento Luso-Chinês. Séculos XVI-XIX*, org. António Vasconcelos de Saldanha e Jorge Manuel dos Santos Alves, Macau, Instituto Português do Oriente, 1996, pp. 235-276, no qual nos fornece uma leitura comparativa e crítica das diferentes posições sobre o assunto, possibilitada pelo confronto da documentação primária – embora essencialmente portuguesa –, e secundária.
- 39 A quem desde já agradecemos a cedência do texto, também publicado neste mesmo número da *Revista de Cultura*, e que integrará uma volumosa colectânea a surgir com o título *Diplomacia, Tratados e Personalidades. Estudos sobre as Relações entre Portugal e a China*, o resultado final de uma bolsa de investigação que lhe foi

- concedida pelo Instituto Cultural,
- 40 É Pedro Feliciano d’Oliveira e Figueiredo que o afirma, a fechar o soneto (p. 9) que dedica ao autor: “Em teus escriptos honras a cidade:/ Ah! nossa gratidão será constante;/ Ha de sempre Macáo lembrar Andrade!/>”.
- Figueiredo, embora natural de Lisboa, casara em Macau na influente família Cortela, tornando-se num destacado membro da comunidade macaense. Negociante da praça de Macau, Coronel das Milícias da cidade, ligado à vereação, foi, em 3 de Agosto de 1825, empossado no cargo de Ouvidor, o qual exerceu até meados do ano seguinte. Quanto à sua produção literária, até à data apenas encontramos referência a duas traduções, que elaborou a partir da língua francesa, e fez publicar em Macau em 1832 e 1842. Vd. Manuel Teixeira, *Os Militares...*, op. cit., pp. 299, 388, 392 e 396 e G. E. P. B., cf. cit., XI, p. 315.

APÊNDICES

I - O PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

ENTRE as muitas, e, talvez, demasiadas publicações, que a imprensa nos tem dado n’ este seculo, e algumas das quaes, porventura, melhor seria que nem sequer fossem concebidas, appareceram no anno de 1843 as Cartas do Sr. JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE, escriptas da India e da China.

Estas Cartas apresentam-nos um novo genero de litteratura, em que se acham collocadas muitas e diversas materias habilmente distribuidas, e todas de uma utilidade reconhecida; e como d’ esta obra não poderiamos dizer mais, nem em tão pouco, como o fez o fallecido Patriarcha de Lisboa, Fr. Francisco de S. Luiz, em uma carta dirigida ao Auctor, trasladaremos para aqui um de seus notaveis periodos, no qual se verá o são juizo, que sobre ellas formou:

«V. S.^a levantou um monumento perenne á sua propria gloria, e ao credito da Litteratura Portugueza, dando-nos a conhecer os costumes, as leis, o genio, e o singular character do grande Imperio da China, fazendo justiça ao espirito e ao valor dos antigos Portuguezes, rebatendo opportunamente a affectada e invejosa ignorancia dos estrangeiros, derramando por toda a sua obra os principios de uma philosophia franca e generosa, e as maximas de uma moral amiga dos homens e das sociedades.»

Com effeito é este o resumo do conteúdo nas Cartas escriptas da India e da China; e os devidos elogios, que o venerando Prelado dispensou ao Sr. ANDRADE, deveh’ os prestar toda a Nação pelo eminente serviço, que lhe fez na publicação d’ esta obra, importante e utilissima a todos os respeitos:

Em uma epocha, em que quasi todos mercadejam em tudo, e em que a maior parte dos escriptores publicos calculam os reaes, que lhe deve produzir cada linha, que lançam no papel, o Sr. JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE

fez das suas Cartas a edição, talvez a mais nitida, que tenham apresentado os nossos prelos, e distribuiu-a gratuitamente pelos seus numerosos amigos, e por todos aquelles, que lh’ a pediram, em quanto teve exemplares que repartir.

D’ esta abnegação d’ interesse, d’ esta generosidade do Auctor, proveio, comtudo, um grande desfalque para o público, que anciosamente procurava possuir esta bella obra, que não encontrava nos Livreiros, nem podia obter do Auctor, porque a edição havia sido esgotada. N’ estas circumstancias, o Sr. JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE levou a sua muita generosidade em consentir, que se fizesse uma segunda edição das suas Cartas, em que fez importantes correccções, abandonando aos editores todo o interesse, que d’ ella lhe podesse provir.

Não é, porém, movidos pelo interesse, que nos possa produzir esta publicação, que a vamos emprender, mas sim por que nos persuadimos fazer um grande serviço á republica litteraria, generalizando obra de tanta valia e merecimento; e por isso não é só por nós, mas em nome do paiz inteiro, que agradecemos os Sr. ANDRADE a faculdade que nos deu de novamente a publicarmos. Da nossa parte faremos todos os esforços para que esta segunda edição não seja inferior á primeira, porque julgâmos pagar assim uma parte da divida, que contrahimos para com o seu illustre Auctor, quando nos deu a permissão de a reimprimir.

Os Editores.

[Extraído da 2ª edição; Lisboa, I. N., 1847]

II - “QUE ELEGANTE EDIÇÃO, QUE APRUMO D’ ARTE”

ODE IMPROVISADA NA PRESENÇA DA D. MARIA DE NORONHA LENDO MISS MARY AS CARTAS DA INDIA E DA CHINA DO ILLUSTRÍSSIMO SENHOR JOSE IGNACIO DE ANDRADE.

“De um esmaltado cofre de brilhantes,
Em sala de magnifico palacio,
Donzella mui gentil, pombinha e rosa,
Tira dourado livro.
De veludo em cadeira acobertada,
N’essas paginas lê de immenso apreço
Tudo, que conceder natura póde,
De ANDRADE o nome eterno!...

Aquella bôcca de anjo expressa alegre
Do universo, do ceo, toda a belleza!...
Tão magico prazer minha alma goza,
Que enlevado ajoelho!...

Maria bella então os labios serra:
Á dôr, afflicto, da ventura passo;
Das mãos lhe arranco de Minerva a joia,
AS CARTAS DA INDIA E CHINA!...

Que elegante edição, que apuro d’ arte,
Que penna divina, diviso absorto!...
O homem de saber assim dotado
Além da morte vive.

Mesmo tornado em cinza no sepulchro,
Será mais que os mortaes vivos no mundo;
Á morte escapará o eximio sabio,
Sem fim é sua gloria.

Beldade das beldades, a leitora,
Ouve meu expressar, dizendo a custo,
Sólta a trança, chorosa com gemidos,
“Não sou de ANDRADE filha!...”

Por J. M. H. Leal de Gusmão

[Extraído da 2ª edição; Lisboa, I. N., 1847]

III - "TU, QUE TENS PERCORRIDO OS LONGOS MARES"

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR
JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE
EPISTOLA.

Las humanas glorias son
Polvo, humo, cenisa y viento.
CALDERON.

Tu, que tens percorrido os longos mares
D' Occidente a Oriente, e visitaste
A famosa região que assombra o Gate,
Que o Ganges lava, e que fecunda o Indo;
Que essa vasta porção do mundo antigo
Encravada no novo, devassando,
Do cauto China examinaste ao perto
Usanças, leis, philosophia, e artes;
Que viste os seus Pagodes resoando
Co' as argentinas campas, que os guarnecem,
E que o sôpro do vento abala, e toca;
Que dos rios Brasilicos nas margens
Viste subindo ao Ceo coqueiro altivo,
D' arvore em fórma, gigantesca planta,
Vergando com seus fructos saborosos,
E a fértil bananeira os verdes cachos
Co' as desmedidas folhas abrigando:
Pois como o sabio Ulysses tens tratado
Homens de toda a côr, de todo o clima,
Policidados, e barbaros, mostrar-me
Acaso poderás, amigo ANDRADE,
Algum canto do mundo, onde encontrasses
Feliz, ou com juizo a nossa especie?
Eu, e não deve isso admirar, o ignoro,
Eu que tão pouco sei, tão pouco hei visto!
Se as antigas historias examino,
Se examino as modernas, só descubro
Na vida do homem a miseria, o crime;
Uns opprimidos, outros oppressores,
Uns enganados são, e enganam outros;
Vejo a espaços nascer absurdos cultos,
Que regados com sangue vão crescendo
Té que em sangue os alfogam cultos novos.
Em toda a idade o homem disse ufano,
«Para mim vibra o sol seus resplendores,
«Madura os fructos, as searas córa;
«Para á noite allumiar-me é feita a lua,
«E de estrellas milhões, que nos Ceos brilham;
«Eu os mares domino, é minha a terra,
«Eu sou o rei universal do mundo;
«Para servir-me os brutos nascem, morrem
«Para me sustentar, para vestir-me
«De ricas pelles os cobrio Natura!
Mas se de Zahra nos extensos ermos
O leão a seus olhos se apresenta,
E ruge, agita a cauda, erriça a juba;
Se encontra um tigre nos Asianos bosques,
Se nas ribas Niloticas descobre
Lorigado de concha o crocodilo;
Foge o rei, ou o escravo? A fera, ou o homem?
Nasce o mais infeliz dos entes todos,

O homem, sem forças, sem razão, sem falla,
E em se desenvolver dotes tão ricos
Tardam mui longo tempo; e que lhe servem
Se as ardentes paixões logo o desvairam,
E no abysmo do crime o precipitam?
Vê-me os brutos agora; nasce co' elles
Próvido instincto, e sem que aprendam, sabem
Quanto é dado saber á especie sua,
Quanto lhe dá de conservar-se os meios.
O castor edifica á beira d' agua
Casa segura, e commoda, em que habita;
A abelha, subtil chymica, das flores
Extrahe o mel, e a cera; a aguia corta
Os diaphanos ares, e remonta
Das nuvens muito além; em sociedade
Vivem corseis, e bois da Wkrannia em campos,
Vivem iockos na Africana plaga,
Acham casa, e sustento, e existem livres,
Morrem quando lh' ordena a natureza,
Sem glorias desejar, temer castigos.
Acaso o adolescente é mais ditoso?
Da vida os annos floridos consome
Em cançados estudos, que lhe apoucam
Forças, saude, vista, porque um dia
A custa possa de improbos trabalhos
Em lidas grangear sustento escasso.
Chega por fim a languída velhice,
E então cego, achacoso, e pobre geme
Entre as garras griphanhas da doenca;
Tomo II.
Dôres a pouco, e pouco desatando
Vão do seu corpo a travação; o sangue
Mais tardo, e disorado as veias gira,
Sua imaginação, tão viva outr' ora,
Se entorpece, e adormenta, a custo falla,
Respira a custo, o paladar se hebeta,
O olphato é nullo, o tacto se enfraquece,
Perde-se o ouvido, perde-se a memoria,
E o pharol da razão, que apenas brilha,
É qual funebre alampada, que accesa
Sobre um sepulchro ao despontar da aurora,
Gasto o azeite, só dá luz vacillante.
Entre a morte, e entre a vida assim se arrasta
Curto espaço, e na cova alfim resvala,
Como da arvore cahe maduro o pomo.
Se na vida selvatica o contemplas,
Grosseiro, quasi nú, sordido, vive
Do arco, e da pesca, sobre a terra dorme,
Ou suspenso na rede! em guerra aberta
Co' semelhantes seus, co' as bravas feras,
Ou perece de settas traspassado
Combatendo feroz, ou se e vencido,
Atado ao fatal poste a maça dura
Lhe rompe o craneo, e lento fogo tosta
Os seus membros para horrído banquete
De inimigos tão barbaros como elle.
E melhor perspectiva de existencia
Civilizados reinos lhe offercem?
Ás ardentes paixões da natureza,
As facticias paixões seu fogo ajuntam,
Filhas da Sociedade, ellas a alteram,
A revolvem qual o impeto dos ventos
O acapellado Oceano, que remuge;

Das riquezas o amor, e dos prazeres,
A ambição do podêr, e das grandezas,
Cobiça infrene, o fanatismo cego,
Da tyrannia o mais constante alliado,
Negra superstição, invejas, odios,
Torpes intrigas, as traições; calúmnias,
Deixam acaso dos mortaes no peito
A virtude habitar, pousar ventura?
Nos reinos, nas republicas, que vemos?
Do bem público o amor, e o da justiça?
O premio do valor dá-se aos valentes?
Aos virtuosos as honras, pão aos doutos?
Aos artistas favor? não; mas parece
Que de tudo dispõem o acaso, e o tempo.
Que insensatos projectos se concebem!
Que loucas esperanças, que se esvaem,
Qual de um sonho as visões, ao rir da aurora!
Quantos pequenos grandes se affadigam
Para o bafo beberem da privança!
Quantos trabalham para ornar a frente
Do doutoral capello, e rica borla,
Para, vestindo a roçagante toga,
No tribunal, ou cathedra sentar-se!
O bastão militar, e a rubra banda
Empunhar, e cingir quantos procuram?
O listão, o placar quantos amentam,
Ou a chave dourada! Almejam outros
Pelo rubro barrete, a mitra, o bago,
E para os alcançar sem pena deram
A metade da vida; e não merecem
Teu riso, ANDRADE, estas crianças grandes,
Que de nonnadas taes idolos fazem!
A civilização estes faz loucos,
Outros vejamos, que infelizes torna.
Nas entranhas da terra sepultados
Estes longe de sol, dos homens longe,
Buscam, não para si, metaes nas minas,
De atmospheria pestifera cercados
Envelhecem na sombra, a morte aspiram.
Olha que multidão faminta e nua,
Nas officinas sem cessar lidando,
Faz as limas ranger, brande os martellos,
As serras move, dá impulso ás rodas,
Faz correr no tear as laçadeiras,
Com o duro cinzel as pedras corta,
Funde o ouro, a platina, o estanho, o ferro,
Nos longos arsenaes construe navios,
Ergue edificios, que ao passar as nuvens
Co as elevadas cupulas laceram,
Rios encana, pantanos esgota,
Aqueductos compõe, fabrica pontes,
E domando o vapor, que freme, e ruge,
Os seus trabalhos a ajudar o obriga.
Em ligeiros bateis outros expostos
Dos ventos ao furor, furor das ondas,
De redes, físgas, e de anzoos armados
Estes levam a guerra aos habitantes
Dos abysmos do mar, em quanto aquelles
Em maiores baixeis de polo a polo,
De oppostos climas produções recovam.
E que acerbas fadigas não sopporta
O triste lavrador, que ao sol nascente,
Deixando o pobre leito, aos campos corre,

LITERATURA

E alli té vir a noite, súa, é lida
 Com o arado rompendo a dura terra,
 A semente nos sulcos occultando,
 De que brotam depois lucidas messes;
 Com a enchada em canteiros a affeição
 Para as plantas em ordem dispôr n' elles;
 Co' a affiada podôa as vinhas poda,
 Arvores limpa, do empinado outeiro
 Attento distribue rega abundante,
 Ceifa o pão, colhe os fructos, nos lagares
 Vinho de uvas extrahe, da oliva azeite,
 E alfim volve cansado á chôça humilde.
 E aos artistas, colonos, pescadores,
 As outras tribus, operosas todas,
 Qual provêm galardão das lidas suas?
 Um mesquinho jornal, que mal lhe basta
 A vestir, sustentar a esposa, os filhos.
 «Mas (dirás) não ha muitos que proclama
 «Venturosos o mundo? A quem fortuna
 «Ao nascerem sorríra?» A não t' o nego,
 Rei na scena é o actor, e o seu reinado
 Mal que desce o talão desaparece;
 O rapido foguete aos ares sobe,
 Brilha, estrondea, mil estrellas sólta,
 Mas breve em fumo fetido envolvido
 Com precipete quédê á terra desce.
 Que homem prudente ha hi que a sorte inveje
 Da fortuna aos válidos mais mimosos?...
 Essa Deusa cruel zombando os ergue
 Porque possa mais do alto despenhal-os.
 De aguerridas phalanges márchã á frente
 O filho de Philippe, invade a Persia,
 No throno de Dario se assenta ufano,
 Vagando em seus desertos doma os Scyrthas,
 Subjuga a Bactriana, a Gedrosia,
 Nos areas de Hamon se entranha affouto,
 Emulo de Lien, Indios, e Poro
 Desbarata, avassalla, em seu caminho
 Opulentas cidades semeando,
 E muda ao seu aspecto a terra treme!
 Mas debaixo da purpura que o cobre
 Quantas serpes occultas o remordem?
 Que remorsos a mente lhe flagellam!
 Que receios a vida lhe amarguram!
 Faz a todos tremer, e teme a todos!
 Do virtuoso Calisthenes a sombra,
 Quantas vezes em sonhos lhe apparece,
 Seu quente sangue lhe arremessa ás faces,
 E ás sanhosas Eumenides o vota!
 Que amarguradas lagrimas derrama
 Sobre a campã de Clito, e atroz veneno
 Na flor dos annos seus lhe corta a vida.
 Vê Cyro o fundador de um novo Imperio,
 Que a populosa Babylonia expugna,
 Depois de mil batalhas, mil victorias,
 De barbara mulher victima infausta,
 Que a cortada cabeça lhe mergulha
 No ôdre de quente sangue, e que lhe brada
 Com sorriso feroz «Farta-se em sangue.»
 Roma não proclamou ditoso a Sylla?
 Sylla, atroz dictator, que a ferro, e fogo
 O partido de Mário anniquilára,
 Que em sangue popular mettêra os bracos

Até ao cotovello, e o mundo assombra
 Com suas proscricções, e que insolente
 O supremo poder sem medo abdica?
 Sylla, sempre temido, acaba a vida
 Devorado de sordidos insectos,
 Entre dores acerbas, invejando
 Proscriptos que de um golpe assassinára.
 Que importa que da fama as cem trombetas
 De Pompeo os triumphos apregoem?
 Que importa o furibundo Metridattes,
 O flagello implacavel dos Romanos,
 Ter vencido, e obrigado a dar-se a morte,
 Ter posto jugo aos Phasis, jugo a Colchos,
 A Sienne sem sombra, Arabia ardente,
 Ao cobarde Judeu, Cilicio fero,
 Aos Sephenios no luxo amollecidos,
 Ter vencido da Iberia os bravos povos,
 De piratas o mar desassombrado,
 Ter erguido nas torres bellicosas
 De Armenia, e Cappadogia Aguias Latinas?
 Que montam seus triumphos, seus theatros,
 Suas riquezas, e o Senado altivo,
 Servil obedecendo aos seus desejos,
 De Magno o grande título, se ao termo
 Lá o espera Pharsalia, o Nilo espera,
 Traição de Ptolomeu, ferro de Achillas?
 Cesar, o mais benigno dos tyrannos,
 O sabio, o vate, o orador sublime,
 Vencedor dos Germanos, e dos Gallos,
 Após tantas victorias, e triumphos,
 Vio no centro da Curia entre os conscriptos,
 Vinte punhaes luzir na mão de amigos,
 Que prodigo fartou de bens, e de honras,
 Sen peito atravessar, e horrorisado
 Cobre a cabeça com seu manto, e expira.
 Mas antigos exemplos por que aponto?
 Um maior não presenta a nossa idade?
 Napoleão! Qual outro mais mimoso
 Da vária Deusa, que Fortuna chamam?
 Deu-lhe o genio, o valor, a força, a audacia,
 Pela mão o guiou do nada ao Solio,
 Com a filha dos Cesares o espôsa,
 A victoria prendeu ás aguias suas,
 E elle em rapida marcha caminhando
 Disse á anarchia «Pára» e parou logo;
 Disse á ordem «Renasce» e ei-la na Gallia.
 Poz reis, e reis depoz a seu capricho,
 Deixa o Papa a septicole cidade,
 Prompto para sagra-lo a París corre,
 A todos seus irmãos sceptros confere,
 Ante elle os Alpes a alta espadua abatem,
 Austrelitz, e Marengo, Arcoli, Lodi,
 Como Arbellas, e Cannas resoaram;
 Na voz da Fama, e Salamina, e Trebia;
 Tremeu d'elle o Thabor, o Egypto, a Syria;
 Tremeu o Elba, o Danubio, e Don, e o Volga!
 Mas de o favorecer cansa a fortuna,
 D' elle os olhos aparta, foge, e logo
 Do homem dos destinos muda a sorte,
 E distante do throno, esposa, e filhos,
 Lá d' Africa no extremo, em ilha ardente,
 Que outr' ora Lusos nautas descobriram
 Que Lysia desprezou, a sorvo, e sorvo

Té as fezes bebeu da angustia-o calix,
 Frenetico se rala, e mirra, e morre,
 Maldizendo os amigos, que o trahiram,
 Contrarios, que sem brio se vingaram.
 São do mundo as grandezas, e as venturas,
 Crystal, que breve se embacia, e quebra,
 Bolhões de espuma, que no mar se elevam,
 E, quando o vénto acalma, se esvaecem;
 São qual rosa Chinezã, que em tres dias
 Tres côres mostra, e definhando acaba.
 Iro ás vezes que é rei sonhando cuida,
 E acorda envolto em sordidos andrajos.
 Nada tem persistência; um bello dia
 Em feio temporal termina ás vezes,
 Antoinetta n' um paço os olhos abre,
 E sobre o cadafalso á luz os fecha.
 Mas os homens d' insanos nada aprendem
 Na eschola da desgraça! Correm cegos
 Pela estrada do vicio, e se despenham
 N' um abysmo de crimes, de miserias,
 E só morrendo as illusões os deixam.
 Sabes tu, meu ANDRADE, o que é ventura,
 Ao menos qual na terra existir possa?
 É viver, como tu, no brando seio
 De um ocio philosophico, distante
 Da servil dependencia, e da pobreza,
 Dos publicos encargos, desfructando
 A saude do espirito, e do corpo;
 Dar largas ao pendor beneficente,
 Adoçar amarguras do infortunio,
 Dos desgraçados enxugando o pranto;
 É temores não ter, não ser temido;
 Não desejar o que alcançar não possas;
 É os mimos gozar das artes bellas;
 É a vista podêr pesquisadora
 No proprio coração fixar, e n'elle
 Deparar nada que vergonha inspire,
 Ou desperte, o remorso, é cultivando
 Em jardim não pomposo as várias flores
 Das quatro partes do orbe, ver da terra
 Os lobolos surgir, que o caule nutrem,
 Ver o caule de folhas revestir-se;
 Eis se fóрма o botão, o botão cresce,
 Fende-se, e á luz do sol abre a corola,
 Alardea os matizes, e sorrindo
 Com suaves perfumes te lisonja.
 Só quem assim entre innocentes gôzos
 Sabe, qual sabes tu, passar a vida,
 Quem como tu da desventura as settas,
 No broquel da constancia firme ampara,
 Sem succumbir á dor, póde entre os homens
 Venturoso, e prudente reputar-se,
 E sem susto esperar da morte o golpe,
 Que nunca o justo costumou teme-la...

José Maria da Costa e Silva.
 [Extraído da 2ª edição; Lisboa, I. N., 1847]

IV - OS ELOGIOS DO "PROFESSOR DA LINGUA LATINA NO SEU COLLEGIO"

AO SENHOR JOSÉ IGNACIO DE ANDRADE

Hoc illud est praecipue in cognitione rerum
Salubre ac frugiferum, omnis te exempli
Documenta in illustri posita monumenta
Intueri.*
TIT. LIVH. PR.EF.

EPISTOLA.

DO TEMPO edaz ás mãos remir os factos,
Da Historia emprego foi proficuo, e nobre.
Ella os remotos seculos penetra,
E n' essa escura noite, atravessando
Condensa trévas, luminoso o facho
Da severa hermeneutica seguindo,
Da verdade guíada, á luz os mostra.
Ella nos conta como os ecos, e terra,
Do cahos pela Eterna Dextra surgem;
Quaes cidades primeiras existissem,
Quaes povoassem nações nascente o
mundo,
E quaes da humana especie os priscos
mores,

Nos aureos dias d' esse abrir das eras;
Das Artes a notícia, e das Sciencias,
Só da Historia ao auxilio descobrimos.
Mesquinha, mal peccado, que ella avulta
N' essas de sangue barbaras idades,
Quando a espada, e a ignorancia de mãos
dadas,

Do mundo um só patibulo formavam!
Impureza, ambição, e prepotencia,
Quantas n' uma hora victimas faziam!
De horror deixemos detestandos evos,
Deixemos d' essas tetricas harpias,
No olvido eterno, o detestavel bando:
Da lyra as cordas percorramos ledos.
Da infida Leonor infidos braços,
Por morte, deixa o improvido Fernando,
De Aviz o Mestre o luso sceptro empunha;
Em quanto libertar do estranho jugo
O patrio solo generoso anhela,
Longi-videntes oculos em Sagres
Lança ao pelago Henrique virtuoso;
Cuida outro haver, além do antigo mundo,
Que do Oceano as barreiras lhe encobriam.
Rasgam do mar iroso a furia insana
As lusitanas quilhas, devassando
Terras, e mares té então ignotos,
E ao yenturoso Manoel aponta
Do lucido Oriente as aureas portas,
E a do Oceano magestosa senda.
Deixando o fulvo Tejo o Gama illustre,
De Adamastor soberbo a furia abate,

E do Indo, e Ganges á torrente assoma.
Do Oriente as riquezas portentosas
No Occidente affluiram, novo assumpto
De sapientes historicos á pluma,
E de eximios Poetas suscitando.
Seguindo o exemplo seu, ANDRADE

Egregio,
Cortando desde a infancia o salso argento,
E de Thetis creado aos niveos braços,
Os povos observando, os mais remotos,
Costumes, vicios, e virtudes vendo,
Com mui discreta exactidão referes
Nas immortaes Epistolas, que envias
Á douta, e chara, e virtuosa Esposa.
Tu, do Chinez Imperio a gloria exaltas;
Marcando ao certo a antiguidade sua,
D'essas sonhadas fabulas desterras
A falsa opinião da origem falsa.
De CONFUCIO, philosopho sublime
Mostras os dogmas, e a doutrina mostras,
Que tantos evos tem regido a China.
O vicio não desculpas, se elle surge,
Qual entre o flavo trigo o joio inutil,
Lá mesmo n' esse Imperio, que elogias.
Mentira em teus escriptos não se alverga:
Religioso o culto, e prisca usança
D' esse paiz relatas, como sabio.
No peito a Crença alimentando Augusta,
Que dos maiores aprendestes nossos,
Só dos Chinas repetes os discursos,
Que oppor-se á nessa Religião parecem.
Profundo em Methaphysica, voaste,
Transpondo as muvens, na sciencia
abstracta,

Qual Aguia sobes, nem te alcança a vista.
Dos Lusos honras a memoria, os Lusos
Degeneres sincero reprehendes;
Da orgulhosa Albionia a terras crimes,
Que por desgraça ainda o mundo espantam!
Ao presente o preterito reunes,
E do porvir nos dá indubias mostras.
Só de Camões a gruta prodigiosa,
Quaes de Numa os colloquios com Egeria.
Tanta podia inspiração prestar-te!
No epistolar éstilo, e pura phrase,
De CICERO és rival, e de SALLUSTIO
A concisão imitas, reunindo
De LIVIO a magestade em tuas obras,
De CESAR com a magica elegancia.
Nos sentimentos TACITO seguindo,
Retratas, qual SUETONIO, os sabios
Chinas.

Tal o juizo que das Cartas tuas,
Meu rude engenho fórma, submettido
Dos Sabios á censura illuminada.
Feliz quem honra tanto as patrias letras;
Quem das Musas acquista encomio eterno,
De excelsos Vates na sonora lyra;
Quem já no alcacar da Memoria assento
Sublime occupa, aos genios raros junto,

Da Parca aos golpes redimindo o Nome!
Digno o Varão da morte a Musa isempta.
O Venusino o disse, e em ti se cumpre
Douta a sentença-do-Romano-Vate

Lisboa, 14 de Outubro
de 1842:

Francisco Antonio Martins Bastos,
Professor da Lingua Latina no seu Collegio
de Nossa Senhora da Conceição.

* É mui util, e proveitoso ao conhecimento
da historia que tu, leitor, vejas os documentos
de tudo o que existe, seja bom, seja máo,
collocados em um monumento illustre.

[Extraído da 2ª edição; Lisboa, I. N., 1847]